



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS SERTÃO
PEDAGOGIA LICENCIATURA

MARIA CÍCERA DOS SANTOS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: GARANTINDO O DIREITO EDUCACIONAL AOS
ESTUDANTES ENFERMOS**

Delmiro Gouveia – AL
2022

MARIA CÍCERA DOS SANTOS

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: GARANTINDO O DIREITO EDUCACIONAL AOS
ESTUDANTES ENFERMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Marilza Pavezi

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237p Santos, Maria Cícera dos

Pedagogia hospitalar: garantindo o direito educacional aos
estudantes enfermos / Maria Cícera dos Santos. - 2022.

55 f. : il.

Orientação: Marilza Pavezi.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Educação. 2. Pedagogia hospitalar. 3. Ensino e aprendi-
zagem. 4. Formação docente. 5. Educando enfermo. I. Pa-
vezi, Marilza. II. Título.

CDU: 376

MARIA CÍCERA DOS SANTOS

PEDAGOGIA HOSPITALAR: GARANTINDO O DIREITO EDUCACIONAL AOS
ESTUDANTES ENFERMOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade Federal de
Alagoas – Campus do Sertão, como
requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa Dra Marilza Pavezi
Aprovada em 15 de julho de 2022.

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

MARILZA PAVEZI

Data: 15/07/2022 11:36:18-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Marilza Pavezi (Orientadora)
Universidade Federal De Alagoas-UFAL/ Campus Sertão



Documento assinado digitalmente

NOELIA RODRIGUES DOS SANTOS

Data: 15/07/2022 12:16:32-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Me. Noélia Rodrigues dos Santos (1ª Examinadora)
Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão



Documento assinado digitalmente

ANA PAULA SOLINO BASTOS

Data: 15/07/2022 14:01:18-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Ana Paula Solino Bastos (2ª Examinadora)
Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por permitir chegar até onde estou. Mesmo com toda dificuldade e com todas as lutas que tive de enfrentar para chegar até aqui, Ele nunca me abandonou.

A família que constituí: meu esposo Luciano que me apoiou do início ao fim de todo esse processo, meus filhos Cauê e Caio que entenderam as minhas ausências, minha filha Laura que, de certa forma viveu isso comigo, desde a barriga. Não foi fácil, mas conseguimos.

As minhas amigas irmãs que a faculdade me presenteou, Jailma Xavier e Edna Bezerra que me deram força e coragem para eu continuar. A força e coragem dessas duas guerreiras me serviram de inspiração.

A minha orientadora Marilza Pavezi, pela paciência, compreensão e não ter desistido de mim, pelo contrário estava sempre solícita quando precisei, muito obrigada mesmo.

E a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, as palavras de incentivo estarão para sempre em meu coração.

Dedico aos meus três filhos: Cauê, Caio e
Laura.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina”

Cora Coralina

RESUMO

O presente estudo teve como foco a pedagogia diante da realidade dos educandos que passam por uma experiência diferenciada dos demais, por passar um período de tempo em uma unidade hospitalar. A educação deve ser para todos os brasileiros conforme as leis vigentes do país. A procura por melhorias pedagógicas é o desejo de todo profissional em educação que visa sempre o melhor para aqueles desassistidos. Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivomostrar a realidade da pedagogia hospitalar no Brasil e o quanto essa modalidade é importante para o educando que se encontra em situação de internação. Foram utilizados com base bibliográfica alguns autores como: Libâneo (2006), Macedo (2008) e Oliveira (2007), entre outros. Ficou evidenciado que há impactos negativos na garantia do direito educacional destes alunos, resultantes da falta de profissionais nas instituições hospitalares para um processo contínuo e prazeroso de acolhimento do aluno. Concluiu-se assim que assim, concluiu-se que estudar acerca da Pedagogia Hospitalar e sobre a formação docente para atuar nas classes hospitalares é de grande relevância na atualidade, pois, pode reduzir de forma significativa os impactos causados no processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados.

Palavras-chave: Pedagogia. Pedagogia hospitalar. Papel do pedagogo.

ABSTRACT

The present study focused on pedagogy in the face of the reality of students who go through a different experience from the others, for spending a period of time in a hospital unit. Education must be for all Brazilians in accordance with the country's current laws. The search for pedagogical improvements is the desire of every professional in education who always seeks the best for those underserved. This course conclusion work aims to show the reality of hospital pedagogy in Brazil and how important this modality is for the student who is in a situation of hospitalization. Some authors such as Libâneo (2006), Macedo (2008) and Oliveira (2007), among others, were used based on the literature. It was evident that there are negative impacts on guaranteeing the educational right of these students, resulting from the lack of professionals in hospital institutions for a continuous and pleasant process of welcoming the student. It is concluded that Thus, it was concluded that studying about Hospital Pedagogy and about teacher training to work in hospital classes is of great relevance today, as it can significantly reduce the impacts caused in the teaching and learning process of hospitalized children and adolescents.

Keywords: Pedagogy. Hospital pedagogy. Pedagogue's role

Figura 01: Brinquedoteca em uma UPA.....	25
Figura 02: Brinquedoteca do Hospital de Campanha do Hangar.....	27
Figura 03: O trabalho pedagógico.....	28

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Delimitação do Problema.....	13
1.2	Justificativa da Pesquisa.....	14
1.3	Objetivos.....	15
1.3.1	Objetivo Geral.....	15
1.3.2	Objetivos Específicos.....	15
1.4	Metodologia.....	16
1.5	Estrutura do Trabalho.....	16
2	CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR	18
2.1	Classe Hospitalar.....	20
2.2	Brinquedoteca e Recreação Hospitalar.....	23
2.3	O pedagogo hospitalar.....	29
3	A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NA VIDA DOS EDUCANDOS	33
3.1	O planejamento estratégico como porta para o aprendizado das crianças.....	36
3.2	A situação brasileira em relação a modalidade Pedagogia hospitalar.....	38
3.3	A formação de professores para essa modalidade.....	40
3.4	Contribuições que a modalidade Pedagogia Hospitalar traz para os educandos a médio e longo prazo.....	43
4	ANÁLISE DO ESTUDO	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A Pedagogia Hospitalar é uma modalidade educacional que ultrapassa as formas convencionais do ensino e aprendizagem, que sai das quatro paredes da sala de aula na escola para um ambiente totalmente diferente em suas estruturas e funcionalidades. Um lugar onde fisicamente não se encaixaria como um espaço de aprendizagem e desenvolvimento crítico e cognitivo de crianças e adolescente, que é o hospital.

A pedagogia hospitalar se concretiza dentro dos hospitais através da Classe Hospitalar, que é o local onde o pedagogo realiza suas ações pedagógicas. A Classe Hospitalar proporciona ao ambiente do hospital a expectativa de esperança para as crianças, adolescentes e seus familiares, como também ludicidade, o desenvolvimento e a aprendizagem para esses educandos que temporariamente estão afastados do ambiente escolar ao qual estão acostumados.

Segundo a política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994) a classe hospitalar se configura como uma das modalidades de atendimento em educação especial ofertado em um ambiente hospitalar com o objetivo de fornecer assistência educacional às crianças e aos jovens que se encontram internados em função de tratamento hospitalar.

Tal modalidade de atendimento, assim como o atendimento domiciliar, a classe comum, a classe especial, entre outros, são instrumentos propostos pela supracitada política com o objetivo de ampliar a realidade educacional, assegurando os devidos direitos para aqueles que necessitam seguir suas vidas, mesmo em uma realidade diversa e, a colocada em questão, enferma.

Embora seja um tipo de atendimento que vem crescendo no Brasil, ainda não tem formação suficiente oferecida para o pedagogo hospitalar que enfrenta, no decorrer dos tempos, grandes desafios nesse campo de atuação. Além de atuar de forma multidisciplinar, as classes hospitalares são multisseriadas e ainda tem o trabalho em conjunto com os demais profissionais do hospital, que requerem deste profissional bastante disciplina, principalmente em relação aos horários, tendo em vista a condição de cada paciente.

Sobre isto, Moraes e Kohn (2011) enfatizam que não é possível conceber a educação dentro de uma instituição de saúde sem, concomitantemente, vislumbrar

uma formação especializada para o pedagogo que sai do ambiente escolar, onde é fomentada a sua formação e prática pedagógica, para trabalhar com crianças e jovens que se encontram hospitalizados por estarem adoentados ou sob suspeita de doenças, alterando por completo o seu dia-a-dia.

Essa modalidade de atendimento, a pedagogia hospitalar, é de suma importância para a criança e/ou adolescente que esteja em situação de internação. Quando estes precisam passar pelo processo de hospitalização para tratamento da sua saúde sofrem mudanças muito bruscas em seu cotidiano. Muitas vezes eles ficam tão acometidos com suas dores que terminam afetando a sua convivência familiar, sua convivência no meio social e, principalmente, no ambiente escolar, que é o primeiro local do qual eles se afastam para poder cuidar e dar continuidade aos seus tratamentos.

Sendo assim, a pedagogia hospitalar atua como um foco de esperança, alento e continuidade do desenvolvimento desses educandos, dando a eles o direito de um tratamento e acompanhamento humanizado, tanto por parte da saúde como por parte do seu desenvolvimento cognitivo.

1.1 Delimitação do problema

A ação pedagógica no hospital proporciona uma necessária contribuição para o futuro do educando, além de poder mudar positivamente os efeitos do tratamento, impulsiona também inúmeras possibilidades de manter, de certa forma, um vínculo entre a escola e o aluno; fazendo com que o aluno volte a interagir, a ter relações interpessoais, desenvolvendo com integralidade sua cognição, como ocorre com todo e qualquer cidadão porque é o seu direito, assim, a criança e/ou adolescente pode retornar após o tratamento à sua vida social sem sofrer grandes perdas pelo tempo ausente na escola e na sociedade.

Procurando assim compreender a necessidade de dar continuidade aos seus estudos com um profissional qualificado nos momentos em que sejam pertinentes na unidade hospitalar, os processos sempre estão interligados com as pessoas, assim como a realidade cognitiva do aluno, que sempre está almejando o seu crescimento em seu meio social. Neste sentido, proporcioná-lo a oportunidade de continuar

acompanhando o ritmo escolar, mantendo-o conectado ao processo de ensino-aprendizagem formal é uma condição imprescindível, tornando indispensável se questionar como este processo se dará.

Partindo desta premissa, torna-se imperioso estabelecer a seguinte problemática: “Como a pedagogia hospitalar pode reduzir os impactos de uma hospitalização no processo de ensino-aprendizagem de alunos hospitalizados?”

1.2 Justificativa da pesquisa

De acordo com Esteves (2008), a pedagogia hospitalar surgiu pela primeira vez em Paris, a partir da inauguração da primeira escola para crianças inadaptadas sob o comando de Henri Sellier, vindo a ser implantada também na Alemanha e, depois, por toda a França na Europa e, também, pelos Estados Unidos na América do Norte, com o objetivo de minimizar os desafios escolares enfrentados pelas crianças acometidas por tuberculose.

No Brasil, esse movimento pedagógico iniciou-se na década de 1950, no Hospital-Escola Menino Jesus, no Estado do Rio de Janeiro, onde continua a ser desenvolvido até hoje (LIMA; PALEOLOGO, 2012).

Para Matos (2009) no ambiente hospitalar, tanto a educação como o professor têm o papel de proporcionar à criança e ao adolescente o saber e o entendimento do espaço em que se encontram, dando novo significado à unidade de saúde e a eles, assim como à doença e as relações estabelecidas nesta fase. Neste contexto, a escuta pedagógica emerge como um método educativo singular, denominado de “pedagogia hospitalar” que tem como finalidade o acolhimento da ansiedade, das dúvidas e inseguranças dos sujeitos hospitalizados, proporcionando situações coletivas de reflexões, com a elaboração de novos saberes que colaboram para um novo entendimento sobre suas existências e assim, tornando possível a recuperação da saúde destes e a melhoria dos seus quadros clínicos.

Neste sentido, por tudo que fora exposto sobre a pedagogia hospitalar e as suas contribuições para o aprimoramento da educação, especialmente para aqueles que, por motivo de adoecimento, são privados de uma rotina escolar normal, torna-se extremamente relevante a realização deste estudo para contribuir com a comunidade acadêmica com conhecimentos acerca dos processos em que esta modalidade de atendimento tem sido aplicada na educação brasileira, trazendo a lúmen possíveis

reflexões que venham a contribuir para o aprimoramento desta, especialmente no que diz respeito aos processos e mecanismos adotados para a sua concretização, visando colaborar, especialmente, para minha formação acadêmica, assim como para as dos meus pares que, por ventura, possam ter acesso ao material aqui produzido, contribuindo para expansão dessa assistência indispensável.

Muitas das universidades não disponibilizam formação para pedagogos na área hospitalar, tendo que os profissionais recém-formados adentrarem em uma especialização para receber um certificado nesta realidade. A formação de professores para essa modalidade de atendimento é uma necessidade para o público em geral, visto que a educação é um direito de todos e com isso a necessidade destes profissionais atuarem com mais frequência nos hospitais.

Há uma carência de contribuições durante a formação do pedagogo no que diz respeito à modalidade de atendimento, Pedagogia Hospitalar, para os educandos a médio e a longo prazo, com o objetivo de fortalecer os vínculos, assim como promover o conforto no cotidiano do internamento. Neste trabalho, pretende-se destacar os aspectos positivos da atuação do pedagogo em classes hospitalares.

1.3 Objetivos da Pesquisa

1.3.1 Objetivo Geral:

Mostrar a realidade da pedagogia hospitalar no Brasil e o quanto essa modalidade é importante para o educando que se encontra em situação de internação.

1.3.2 Objetivos Específicos:

- Identificar as dificuldades que essa modalidade enfrenta no Brasil;
- Mostrar as dificuldades encontradas pelos pedagogos em relação a sua formação nessa área da pedagogia;
- Mostrar a importância da pedagogia hospitalar para o desenvolvimento pleno do educando em situação de internamento e no pós internamento

1.4 Metodologia

Esta é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, desenvolvida a partir do estudo de material já elaborado como livros e artigos científicos, teses, dissertações, monografias que envolvem a temática de interesse. De acordo com Gil (1999, p. 65):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (p. 65).

1.5 Estrutura do Trabalho

O trabalho está organizado em cima de 5 (cinco) capítulos, demonstrando os caminhos da pedagogia hospitalar para compreender os rumos dos profissionais, assim como os impactos positivos que o pedagogo hospitalar pode ocasionar ao meio laboral com as crianças, com isso podemos compreender o trabalho ativo destes profissionais, de acordo com os tópicos relacionados aos objetivos traçados.

Na Introdução é apresentada a definição do trabalho. Inicialmente apresentamos o que será discorrido no corpo do texto, os objetivos, a justificativa, o problema da pesquisa, os quais determinaram o seu desenvolvimento para do conhecimento para os caminhos da pedagogia hospitalar.

No capítulo 2 é abordado o contexto histórico da pedagogia hospitalar; classe hospitalar; brinquedoteca e recreação hospitalar e o papel do pedagogo hospitalar.

No capítulo 3, é discutida a importância da pedagogia hospitalar na vida dos educandos; o planejamento estratégico como porta para o aprendizado das crianças; a situação brasileira em relação a modalidade Pedagogia hospitalar; a formação de professores para essa modalidade; contribuições que a modalidade Pedagogia Hospitalar traz para os educandos a médio e longo prazo.

No capítulo 4, apresentamos uma análise do estudo diante da realidade da pedagogia hospitalar, os avanços que podem ser significativos para o acolhimento das crianças diante de suas enfermidades.

Já, no capítulo 5, são apresentadas as considerações finais, trazendo uma análise dos estudos e experiências incluídos nesta pesquisa, dentro da realidade da

pedagogia, como também as limitações e avanços que podem ser significativos quando existe planejamento, lições que foram aprendidas no decorrer da pesquisa.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar surgiu em 1935 em Paris, por iniciativa de Henri Sellier, para oferecer a continuação do processo educativo a crianças enfermas, sua experiência se expandiu para outros países, com o intuito de atender crianças com tuberculose, com o atendimento em Classe Hospitalar. O auge desse atendimento se deu na Segunda Guerra Mundial, em decorrência de inúmeros casos de crianças e adolescentes feridas que ficaram internadas e deixaram de, temporariamente, frequentar suas escolas (ESTEVES, 2008).

Sendo assim um trabalho voltado para acolher aqueles que não tinham oportunidades de crescimento intelectual, como também de alguém para interagir diante dos desafios de suas próprias enfermidades. Desafios constantes para pôr em prática, neste sentido abre o espaço para novos olhares para o ramo da pedagogia.

No Brasil, esse tipo de atendimento iniciou-se em 1950, na cidade do Rio de Janeiro, no hospital público infantil Menino Jesus, mais especificamente em 14 de agosto de 1950. A primeira professora a atuar nessa modalidade aqui no Brasil foi Lecy Rittmeyer. Tempos depois uma outra educadora chamada, Ester Lemes Zaborowski, também começou a atuar nessa modalidade, no ano de 1958. Em 1960, um segundo hospital passou a oferecer a classe hospitalar, o hospital Barata Ribeiro, que disponibilizou esse serviço somente com o apoio da direção do hospital, não tendo assim nenhuma ajuda do estado, (SANTOS; SOUZA, 2009).

No ano de 1970, iniciou a Classe Hospitalar no Hospital das Clínicas da Faculdade de Ribeirão Preto (HCFMRP - USP), que só a partir de 1997 seguiu de fato o atual trabalho de Classe Hospitalar, depois de muitas mudanças. O fato é que, segundo Lima (2003), somente em 1981 que houve um aumento significativo de hospitais a oferecerem esse atendimento.

Mas, foi através da Política Nacional de Educação (MEC/SEESP, 1994) que a Classe Hospitalar foi reconhecida pelo Ministério da Educação e do desporto, sendo validada também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente que garante, através da Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, determinada pelo Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente, a seguinte redação:

Direito da criança e do adolescente de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, e acompanhamento curricular durante a sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995, p.1).

Posteriormente, a Pedagogia Hospitalar teve mais um suporte para sua importância com a implantação das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial e, em seguida, pelo Documento Classe Hospitalar e Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações, elaborado pelo Ministério da Educação, através de sua secretaria, com o intuito de organizar medidas políticas estruturadas do sistema de atendimento educacional nos ambientes hospitalares e domiciliares para assegurar o direito de crianças e adolescentes de terem acesso à educação básica e atenção às necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2002; 2018).

Mesmo tendo todas essas leis e diretrizes no Brasil que garantam que a modalidade Pedagogia Hospitalar seja um direito de todas as crianças e adolescentes em situação de internação em hospitais, essa realidade ainda não alcança a toda essa clientela. Muitos são os motivos que limitam este atendimento, podendo ser internos e/ou externos aos hospitais.

Em um estudo de caso realizado com gestores de um hospital universitário de João Pessoa – PB, sobre a implantação de classes hospitalares na referida unidade, Medeiros (2018) inferiu que apesar dos gestores admitirem a possibilidade de se implantar tal modalidade de atendimento no hospital, estes alegaram não haver recursos financeiros para sua implantação, além de ficar demonstrado que a maioria não tem conhecimento sobre a legislação e o conceito de atendimento hospitalar.

Sobre isto, Fonseca e Ceccim (1999) alertam que a escassez de fontes teóricas e pesquisas sobre este assunto no Brasil provoca, tanto na educação como na área da saúde, uma falta de conhecimento sobre esta modalidade de atendimento para tornar a continuidade da escolarização viável às crianças e adolescentes em situação de internação hospitalar, mas também para complementar à atenção à saúde e intensificar o cuidado e o tratamento fornecidos às crianças e aos adolescentes.

Com base nas leis e nas reflexões dos autores aqui citados, podemos entender que no cenário nacional, a Pedagogia Hospitalar ainda enfrenta algumas barreiras de caráter organizacional das instituições envolvidas (escolas e hospitais). Outra barreira está relacionada às políticas públicas, que se desencontram, muitas vezes, antes de chegarem a uma parceria concreta entre as respectivas secretarias de educação e saúde dos estados e municípios.

2.1 Classe Hospitalar

De acordo com Esteves (2020), a classe hospitalar consiste em um atendimento pedagógico-educacional realizado em espaços voltados para o tratamento de saúde, seja em casos de internação, como conhecida tradicionalmente, seja em situações de atendimento em hospital-dia e hospital-semana, bem como, em serviços de atenção integral à saúde mental.

Segundo Brasil (2001) é entendida como um atendimento educacional especializado, a Classe Hospitalar é onde o pedagogo realiza sua ação pedagógica para crianças e adolescentes hospitalizados, que necessitam de atividades educacionais especiais, por conta do seu estado de enfermidade (BRASIL, 2001).

A Classe Hospitalar garante às crianças e adolescentes o direito de dar continuidade a seus estudos para que esses não venham a ser prejudicados quando retornarem a suas atividades educacionais na escola regular. Garante também que eles tenham o desenvolvimento adequado tanto do seu cognitivo, como do físico e emocional, ou seja, o desenvolvimento integral, com qualidade e equidade.

A Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001, artigo 13, parágrafo 1º diz que: “As Classes Hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso a escola regular. (BRASIL, 2001, p. 04).

A atuação na Classe Hospitalar não se restringe apenas a alunos matriculados e sim a todas as crianças e adolescentes que estejam em situação de enfermidade, pois todos são seres de direito e podem exercer sua cidadania, por isso a ação na Classe Hospitalar é flexível, diversificada e pensada na necessidade momentânea e individual de cada um.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – assegura em seu artigo 3º que:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 1990, p. 11)

Diante das bases legais e das leis que regem esse país, a Classe Hospitalar vem como um direito adquirido ao longo dos tempos para sistematizar tanto na educação, quanto na saúde formas de ação para que a criança e o adolescente, em situação de internação hospitalar, não venham a abandonar os estudos, e se sintam inseridos na sociedade mesmo estando a um longo período dentro de um hospital.

O documento, Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações, afirma que:

O atendimento educacional hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar devem estar vinculados aos sistemas de educação como uma unidade de trabalho pedagógico das Secretarias Estaduais, do Distrito Federal e Municipais de Educação, como também as direções clínicas dos sistemas de saúde em que se localizam (BRASIL, 2002, p. 15).

Além de ter esse vínculo entre as secretarias de educação e as secretarias de saúde, a Classe Hospitalar também precisa de um espaço físico, materiais necessários para a ação pedagógica, recursos financeiros para não só montar a Classe Hospitalar, como também mantê-la funcionando. Também precisa ter o profissional pedagogo, que é a peça fundamental e insubstituível para que as ações da Classe Hospitalar aconteçam. Há também um fator muito importante que a Classe Hospitalar precisa para acontecer de fato, que é o trabalho em conjunto, a união, o comprometimento e compartilhamento entre os profissionais da saúde e da educação (BRASIL, 2002).

A integração desses profissionais é fundamental para o desenvolvimento das ações de ambos. Se a criança e o adolescente se sentem acolhidos, confortáveis e confiantes com os profissionais que os cercam, certamente esse clima contribuirá com as ações e com o tratamento de uma forma mais fácil e menos sofrida, o que pode trazer bons rendimentos tanto para sua saúde como para seu desenvolvimento.

Para Fonseca (1999, p.15):

Faz-se necessário transpor barreiras e, através de esforços unificados, garantir a excelência dos serviços, sejam estes prestados por professores, pessoal da saúde ou quaisquer outros profissionais que atuam no ambiente hospitalar, contribuindo assim para a qualificação da assistência prestada em hospitais.

A Classe Hospitalar deve conter alguns recursos necessários como equipamentos tecnológicos, livros, materiais como lápis, tinta, pincel, jogos educativos e material para ludicidade, para dar a criança e ao adolescente, além da continuidade pedagógica o mínimo de recreação possível em um ambiente tão hostil. Esses recursos também estão disponíveis para os educandos que precisarem de atendimento diretamente no leito ou na enfermaria, por conta de suas limitações.

Este atendimento é preconizado no documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações (2002) que estabelece que:

O atendimento propriamente dito poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que restrições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento assim requeiram (BRASIL, 2002, p. 16).

Contudo as Classes Hospitalares não são realidade em todos os hospitais, ainda há uma distância entre a necessidade das crianças e adolescentes hospitalizados e as políticas públicas, mesmo a Classe Hospitalar sendo definida pela Política Nacional para Educação Especial, como “ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar” (BRASIL MEC/SEESP, 1994, p. 20).

No entanto as Classes Hospitalares e as ações praticadas nelas, levam ao ambiente hospitalar não só a prática pedagógica, mas também oportunidades, humanização, esperança e renovação em um momento tão difícil, doloroso e emocionalmente instável que essas crianças e adolescentes vêm a enfrentar.

Por isso, é fundamental o favorecimento de estratégias que auxiliem no estabelecimento desta modalidade educacional, com o também, que sensibilize os agentes da educação e da saúde acerca da grande relevância deste atendimento educacional à criança hospitalizada. Fazendo-se imperiosa a construção de um espaço para os profissionais que se dedicam à atenção às crianças e jovens que precisam de hospitalização por longo tempo ou daqueles que devem permanecer hospitalizados, visando à conscientização para essa questão, a troca de experiências e reflexão no tocante à pedagogia hospitalar, ofertando instrumentos para o

desenvolvimento desta modalidade educacional e explorando sua relação com a escola formal (ESTEVES, 2020).

Levando em consideração o aparato legal que ampara e valida o direito à educação, os hospitais precisam oferecer urgentemente às crianças e adolescentes um atendimento educacional de qualidade e condições igualitárias de desenvolvimento pedagógico e intelectual. A inclusão do espaço escolar no momento de hospitalização é de grande importância para a recuperação da saúde da criança, visto que minimiza a ansiedade e o temor oriundos do processo da doença (ESTEVES, 2020).

2.2 Brinquedoteca e Recreação Hospitalar

O lúdico para as crianças é sempre muito bem recebido pelas crianças e aqueles que gostam de interagir com as demais. O trabalho ativo dos profissionais da saúde já utilizava o lúdico para estimular a recuperação dos enfermos, e sempre tem efeitos benéficos para todos, neste sentido que a brinquedoteca e sala de recreação é benéfica para uma unidade hospitalar.

Para Santa Roza (1997), a hospitalização na infância pode se configurar como uma experiência potencialmente traumática. Ela afasta a criança do seu cotidiano, do ambiente familiar e promove um confronto com a dor, com a limitação física e com a passividade. Essa confrontação leva, na maioria das vezes, aos sentimentos de culpa, punição e medo da morte.

Com isso a necessidade de profissionais como o pedagogo hospitalar, para criar um ambiente mais infantil para a criança, assim como uma brinquedoteca e sala de jogos para que exista uma relação social mais atrativa para eles que estão passando um tempo crucial em sua vida, então, nada mais justo que oferecer um espaço social adequado e pedagogicamente correto para a interação.

No Brasil, não existem relatos concretos sobre quando foram implementadas as primeiras brinquedotecas hospitalares. A portaria nº 2.261/GM aborda que a implementação da brinquedoteca deve ser precedida de um trabalho de divulgação e sensibilização junto a equipe do Hospital e voluntários [...]. Porém, apesar da existência da Lei Federal 11.104/2005, muitos hospitais ainda não possuem uma brinquedoteca, talvez devido às barreiras para sua implementação, que pode estar

relacionadas à estrutura hospitalar e ao modo de trabalho dos profissionais (SOUSA, 2013).

Brincar é um direito assegurado por lei. O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) reconhece, no item 9 do artigo 3º da Resolução nº 41/1995, que dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizados, que as crianças e os adolescentes têm o “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995).

A brinquedoteca hospitalar se caracteriza como um espaço onde a criança hospitalizada pode brincar livremente, espontaneamente e criativamente. Nas brinquedotecas hospitalares os pacientes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sob a condição de hospitalização. Permite uma maior aproximação entre pais e filhos, pois além de garantir o direito de brincar é também um espaço de cidadania, adquirindo noções de democracia e de direitos sociais, no que tange o cuidado com o acervo de brinquedos, com a preservação do patrimônio e do aprendizado do desprendimento e da posse dos brinquedos (CAVALCANTI, 2010, p. 22).

A criação de um espaço lúdico é benéfica se existir pessoas engajadas em melhor atender aqueles que se direcionam a este local, para que aqueles que estejam ali possam brincar e ter momentos de descontração e aprendizados diante das atividades que serão colocadas em prática no momento determinado por seu médico.

Trazendo como exemplo (Figura 1), o objetivo desta ação nas UPAs é propiciar um atendimento humanizado, trazendo bem-estar para as crianças que aguardam ou que estão em atendimento, como também, para deixá-los mais tranquilos e para que se sintam mais acolhidos.

Figura 01: Brinquedoteca em uma UPA



Fonte: Fique bem informado (2015)¹

Até em sala de aula o brincar tem suas funções didáticas e pedagógicas, mas com orientação e cobranças sobre o que brincaram e como brincaram para avaliar a aprendizagem daquelas crianças que participaram daquele momento lúdico. A ideia de se criar um ambiente hospitalar que, diferentemente de representar uma ameaça, pudesse trazer conforto e bem-estar às crianças, é que se vislumbrou a possibilidade de fazer da Brinquedoteca um espaço de envolvimento coletivo, dissolvendo o clima de tensão existente (MATOS, 2006).

A disponibilização de um espaço atrativo para as crianças e pessoas internadas, que queiram sair da rotina da internação liberada por seu médico é benéfico para sua saúde e seu aprendizado. Esses espaços são criados para possibilitar uma interação e melhoria de aptidões diante dos desafios em aprender e compreender determinadas realidades. O pedagogo que atua neste espaço está sempre ativo para desenvolver atividades condizentes para cada realidade que adentra este espaço.

Segundo Macedo (2008, p.64), a Brinquedoteca Hospitalar permite:

[...] a interiorização e a expressão de vivências da criança doente por meio do jogo e da atividade lúdica; - auxiliar na recuperação da criança hospitalizada; - amenizar traumas psicológicos, decorrentes da internação, por meio do brincar; - estimular o desenvolvimento global da criança; - enriquecer as relações familiares; - desenvolver hábitos de responsabilidade

¹<https://www.fiquebeminformado.com.br/2015/06/brinquedoteca-do-hospital-da-crianca.html>

e trabalho; - dar condições para que as crianças brinquem espontaneamente; - despertar o interesse por uma nova forma de animação cultural que pode diminuir a distância entre gerações; - criar um espaço de convivência que propicie interações espontâneas e desprovidas de preconceito; - provocar um tipo de relacionamento que respeite as preferências das crianças e assegure seus direitos.

A brinquedoteca hospitalar também facilita o processo de comunicação entre as crianças, seus familiares e os profissionais da saúde, tendo em vista que promove maior descontração, descanso, tranquilidade e aumento da segurança das crianças e, por conseguinte, de sua família (BELTRÃO, 2016).

Ressalta-se que toda criança gosta de brincar e de interagir com outras, para que acontecer uma relação de confiança e aprendizado, neste sentido o pedagogo hospitalar desenvolverá suas atividades em parceria com estas crianças que estão internadas, tudo com a parceria do médico responsável.

A Brinquedoteca Hospitalar exerce a função de propiciar um espaço aberto e livre para a criança ser o que desejar, expressado por meio das brincadeiras e dos jogos de papéis, suas fantasias, imaginação, medos, ansiedades e inseguranças, gerados pela doença e internação (MACEDO, 2008, p.64).

O hospital pode ser modificado a sua realidade seria em local agradável dependendo da realidade do caso ao qual o paciente esteja sendo atendido. O espaço da brinquedoteca pode ser um aliado na construção do processo de aprendizagem, pois como já vimos o brincar é fundamental para a criança, “a brinquedoteca é o espaço criado com o objetivo de proporcionar estímulos para que a criança possa brincar livremente” (CUNHA, 1997, p. 13).

Um dos exemplos de brinquedoteca que deu certo foi a do Hospital de Campanha do Hangar em Belém do Pará (Figura 2) que foi constituída durante a pandemia da Covid-19. Isso se deu porque as crianças e adolescentes precisavam de um atendimento humanizado, acolhedor e divertido para quebrar a atmosfera fria que tem uma unidade hospitalar. Com o trabalho sério dos profissionais houve o acolhimento, foi levado amor, esperança e alegria para as crianças que necessitavam de internação.

Salienta-se que por meio, de atividades dentro desse hospital de campanha, o pedagogo hospitalar esteve presente para desenvolver um trabalho condizente com a necessidade das crianças e adolescentes enfermos. Essa foi uma realidade em muitas cidades, tais como no Catalão/GO na Santa Casa de Misericórdia,

Cascavel/PR, em um hospital pediátrico, entre outros, desenvolvendo atividades lúdicas para as crianças internadas, fortalecendo a esperança de dias melhores.

Destaca-se que um trabalho ativo do pedagogo hospitalar e sua equipe multiprofissional, que estavam sempre a revisar as abordagens para as crianças e adolescentes, para que estas não ficassem entediadas ou se sentissem menos favorecidos do que os seus amigos que não estavam por lá.

Figura 02: Brinquedoteca do Hospital de Campanha do Hangar



Fonte: Ascom-Sepa (2020)²

Mesmo diante da pandemia do COVID 19, o hospital de campanha Hangar, no estado do Pará, manteve as atividades lúdicas que o brincar é essencial para as crianças que estavam neste local ociosas e preocupadas com seus resultados. O lúdico, assim como as atividades direcionadas pode facilitar a vida destas crianças colocando-as em uma realidade diferenciada para elas, ao mesmo tempo aprendendo um pouco mais.

O trabalho em parceria (Figura 3) é comum para os profissionais em educação, que sempre estão ativos e prontos para desenvolver seu trabalho com os demais profissionais, sempre ampliando seu leque de informações para que com isso exista

² Hospital de Campanha do Hangar ganha brinquedoteca. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/21961/>. Acesso em 25 jun. 2022.

uma relação de crescimento e fortalecimento dos vínculos, para que as crianças e adolescentes enfermos tenham um melhor acolhimento possível.

A ação pedagógica dentro de uma unidade em saúde é uma forma de conduzir o aprendizado na atividade natural, seja com o uso do lúdico seja com as formas livres de colocar o educando no momento de pensamento e reflexão do processo de ensino e sua aprendizagem, mesmo dentro de um hospital. Neste sentido, o planejar do pedagogo hospitalar é criar possibilidades diante da realidade do aluno para que ele possa interagir assim com os demais de forma contínua.

Figura 03: O trabalho pedagógico



Fonte: Morais³

Descrever sobre o vínculo que deve ser estabelecido entre a mãe e o seu filho hospitalizado, o que auxilia no tratamento. Porém, muitas vezes, a mãe se fragiliza com essa situação, e a ela não é proporcionada muita atenção. As mães das crianças hospitalizadas geralmente se sentem ansiosas, preocupadas e irritadas, podendo essas consequências refletir na maneira em que elas tratam seus filhos (JUNQUEIRA, 2003).

Com isso os profissionais em saúde e educação devem ter foco nas conversas e direcionamento para os pais ou responsáveis, como também, para a criança ou adolescente. O tratamento ofertado deve ser igual para todos, contudo tem pessoas

³ Maiara Morais Crianças se divertem na brinquedoteca do HIJPII. Disponível em: <http://200.198.6.35/index.php/banco-sala-de-imprensa/3477-brinquedoteca-hospitalar-contribui-para-recuperacao-de-pacientes>. Acesso em 25 jun. 2022

que necessitam de uma atenção maior, visto que pode está passando por uma situação a parte, mais delicada, podendo ser a sua reação diferente, dando uma preocupação a mais, com isso o processo de interação deve ser mais humanizado possível para que esse indivíduo possa sentir segurança (ESTEVES, 2020).

A liberdade da escolha do pedagogo hospitalar é importante, pois, é esse profissional que vai direcionar as medidas alternativas para conseguir prender a atenção das crianças e, por conseguinte, vai favorecer o acolhimento humanizado, disponibilizando um caminho mais ativo para estas crianças. O planejamento deve ter o foco nos interesses da família em progredir, trabalhando o lúdico de forma a unir com a variação social das crianças.

2.3 O pedagogo hospitalar

Para que a Classe Hospitalar venha de fato acontecer é necessário que tenha o profissional pedagogo para ministrar as ações pedagógicas de acordo com a necessidade de cada criança ou adolescente que ali se encontram em situação de internação. Pois assim como somente o profissional médico pode dar o diagnóstico do paciente, somente o pedagogo poderá ministrar aulas e outras ações pedagógicas, tendo em vista que sua formação em Pedagogia visa esse fim.

As autoras Santos, Pereira e Barreto (2013, p. 16) afirmam que:

O pedagogo será responsável por organizar as ações educativas dentro do hospital de forma a contemplar tanto as necessidades do aluno estudante, quanto às necessidades do aluno paciente. Cuidando para que uma atividade não impeça o andamento da outra.

Além das ações educativas que o pedagogo venha a ministrar na classe hospitalar, há também a necessidade de uma maior atenção ao que cada aluno pode demonstrar em relação ao seu estado emocional, que pode comprometer diretamente a relação do professor com o aluno e até mesmo do aluno com o processo de aprendizagem. É um olhar mais atento, uma escuta além das vozes, uma escuta de compreensão, com muita sensibilidade para que possa existir uma conexão, uma confiança entre a criança ou adolescente hospitalizado e o pedagogo (SILVA, 2021).

O estudo sobre práticas de ação pedagógicas hospitalar é sempre justificado diante da necessidade de procurar melhorias para manter o educando calmo e aberto

ao dialogo em seu internamento, não simplesmente por estar, mas em relação ao gosto de melhorar a sua saúde, assim como em aprender continuamente, com as variedades da brinquedoteca formando seus caminhos para uma aprendizagem significativa.

Fontes (2005) fala que a escuta pedagógica se diferencia das demais escutas realizada por outros profissionais:

A escuta pedagógica diferencia -se das demais escutas realizadas pelo serviço social ou pela psicologia no hospital, ao trazer a marca da construção do conhecimento sobre aquele espaço, aquela rotina, as informações médicas ou aquela doença, de forma lúdica e, ao mesmo tempo, didática. Na realidade, não é uma escuta sem eco. É uma escuta da qual Brota o diálogo. que é a base de toda a educação (FONTES 2005, p. 124).

Além de uma escuta diferenciada por parte do pedagogo, devemos destacar a importância da união entre todos os envolvidos nesse processo, não só o professor e o aluno, mais também dos profissionais da saúde e dos familiares. Como enfatiza Fonseca (2003):

O atendimento pedagógico Educacional no ambiente hospitalar deve ser entendido como uma escuta pedagógica as necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível nesses aspectos e não como uma mera suplência escolar ou "massacre" concentrado no intelecto da criança. O sucesso deste trabalho depende da contínua e próxima cooperação entre professores, alunos, familiares e os profissionais de Saúde do hospital, inclusive no que diz respeito aos ajustes necessários na rotina e/ou horários quando dá interferência destes no desenvolvimento do planejamento para o dia – a - dia de aulas na escola hospitalar. (FONSECA, 2003, p.14).

Porém, para o pedagogo os desafios de trabalhar em uma classe hospitalar só aumentam, pois ele tem que ter uma dinâmica de trabalho diferenciada das classes regulares. O pedagogo tem que ter flexibilidade ao montar seu plano de ação e ao seguir o currículo escolar. Pois esse tem que ser adaptado de acordo com as necessidades de cada educando, tem também que saber lidar emocionalmente, além de ter noção da doença pela qual o educando está passando, para poder ver como pode ser inserido na classe hospitalar.

No documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar, estratégias e orientações (2002), esclarece que:

O professor que irá atuar na classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando às necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. (BRASIL, 2002, p.23).

Continuando na linha de atuação do pedagogo, podemos entender que não há no nosso país uma formação específica para esse profissional. A formação que habilita o profissional pedagogo para atuar na classe hospitalar é a licenciatura em pedagogia e a especialização em educação especial.

A especialização em educação especial é um caminho mais amplo para o pedagogo que resolve atuar no hospital, fortalecendo seus conhecimento e técnicas que podem ser colocadas em prática. Cada caso é sempre diferente do outro, necessitando atenção e dedicação a realidade da unidade hospitalar. O trabalho é ativo diante da necessidade de provocar o aluno a aprender nesta realidade.

O professor deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação especial ou em cursos de pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. (BRASIL, 2002, p.23).

A formação especial do pedagogo para atuar diante das realidades de um hospital é para fazer parte de momentos em que possa atuar com crianças especiais que chegam à unidade hospitalar com alterações de sua personalidade, neste sentido o pedagogo pode trabalhar essa realidade de forma mais humana possível, trazendo essa criança ou adolescente para uma realidade mais confortável possível para elas (COSTA, 2016).

Apesar da lacuna na formação do pedagogo hospitalar devemos levar em consideração o esforço dos docentes do curso de pedagogia e também dos pedagogos já formados, pela busca incessante por cursos e especializações que abrangem cada vez mais o papel do pedagogo na sociedade, fazendo com que haja cada vez mais uma maior reflexão sobre a importância e a contribuição dessa formação para a escolaridade da sociedade como um todo.

Nos cursos de pedagogia no Brasil, nas licenciaturas e nos programas e pós-graduação, a formação de professores para a área da pedagogia hospitalar tem ocorrido através de docentes das universidades que, de forma isolada, em suas instituições de trabalho desenvolvem pesquisas, projetos de extensão, ministram disciplinas, orientam alunos com trabalhos nessas temáticas, participam de bancas de avaliações destes trabalhos e mantêm

grupos de estudo e pesquisa sobre essa temática. Os Acadêmicos da graduação tem contato com esta área através de estágios, projetos de extensão, trabalho de conclusão de cursos e disciplinas (KASTELIJNS; PAULA, 2016, p.128).

A possibilidade em desenvolver algumas das disciplinas relacionadas com a pedagogia hospitalar fortalece a realidade em que muitos profissionais optam por trabalhar neste contexto, fortalecendo uma comunicação pedagógica diante dos desafios em fortalecer o conhecimento das crianças e adolescentes que podem desenvolver atividades direcionadas e não evadirem de suas unidades educacionais. Mas, para que isso ocorra de forma adequada é fundamental um bom planejamento (VASCONCELOS, 2001).

Porém, esse planejamento diante destas realidades é colocado em prática levando em consideração a realidade ao qual o pedagogo irá atender. Visto que as situações são adversas, com isso que um olhar mais atento e responsável perante os pacientes do hospital. Nenhuma ativa poderá comprometer o aluno, mas possibilitar suas melhorias diante de sua realidade enferma. Sendo um trabalho de contato para que ela possa progredir sempre.

3 A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR NA VIDA DOS EDUCANDOS

Levando em conta que a pedagogia hospitalar tem a proposta de levar atendimento educacional às crianças e adolescentes que estejam em situação de

internamento e tendo como base promover e dar continuidade ao desenvolvimento cognitivo desses pacientes, podemos pensar que essa modalidade é de fundamental importância para a educação, em especial, para essa parte dos educandos que por motivo de doença não podem comparecer à escola regular para ter sua escolaridade complementada.

A mesma realidade pode ser interpretada diante da complexidade de sua enfermidade. O trabalho pedagógico vai obedecendo a realidade clínica do paciente ou aluno. Cada projeto obedece a realidade ao qual os mecanismos estão direcionados. Sobre a importância da pedagogia hospitalar para os educandos, Matos e Mugiatti (2009) enfatizam que a pedagogia hospitalar é:

[...] aquele ramo da pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao auto cuidado e a prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde (MATOS; MUGIATTI, 2009, p.79).

O pedagogo hospitalar adentra nas necessidades dos alunos afastados por um tempo ou períodos da realidade educacional formal. Cada processo é real diante da necessidade de garantir o aprendizado das crianças enfermas. Tratando-se assim de uma dedicação dirigida para garantir o direito de estudar, mediante os mecanismos sociais ao qual esteja inserido. Cada passo é sempre real para o tratamento da enfermidade.

Quando o educando é acometido por alguma doença e essa a leva a um processo de internação, tudo muda, desde sua rotina do cotidiano, até seu estado emocional. O que pode causar nesse educando uma sensação de insegurança, incapacidade e até vergonha, que o leva a uma rejeição em voltar à escola e até mesmo de fazer parte de alguma socialização. O que torna difícil seu processo de aprendizagem.

O emocional deve ser tratado como um dos empecilhos para o não aprendizado das crianças. A mudança de realidade aflora nestes mecanismos da acomodação hospitalar. Neste sentido, o pedagogo hospitalar trabalhará essa condição atípica diante dos desafios do ensino e aprendizagem, desenvolvendo atividades reais no contexto local, fortalecendo os vínculos, assim como o crescimento emocional das crianças.

A identidade da criança na unidade hospitalar deve ser mantida para que esta possa estabelecer seus vínculos sociais, não devendo ser mais um diante do contexto hospitalar, mas alguém que está trabalhando seus conhecimentos com o profissional da educação. Sobre isto, Fontes (2005) fala sobre a condição da criança que passa por esse processo de internação, da seguinte forma:

A identidade de ser criança é, muitas vezes, diluída numa situação de internação, em que a criança se vê numa realidade diferente da sua vida cotidiana. O papel de ser criança é sufocado pelas rotinas e práticas hospitalares que tratam a criança como paciente, como aquele que inspira e necessita de cuidados médicos, que precisam ficar imobilizados e que parece alheio aos acontecimentos ao seu redor (FONTES, 2005, p. 10).

A identidade da criança deve ser preservada para que o processo educacional possa ocorrer de forma contínua diante dos desafios da enfermidade. Cada trabalho pedagógico deve ser para elevar a sua autoestima, assim como colocá-la diante dos mecanismos dos processos sociais. Cada trabalho é contínuo e deve ser alimentado para o crescimento e fortalecimento dos pensamentos críticos das crianças ou dos adolescentes.

A identidade é algo que deve ser preservado para que o ser humano possa desenvolver diante de seus impulsos. Cada momento deve ser relacionado aos processos em que a educação possa fortalecer seus vínculos, dando oportunidades, através do pedagogo hospitalar, a realidades em que as crianças possam progredir diante dos seus próprios entraves aos quais estão inseridos.

Para que não haja falhas no processo de desenvolvimento e aprendizagem na criança ou adolescente em situação de internamento é necessário que esses educandos continuem tendo acesso à cultura, linguagem, socialização, interação e afeto. Para que continuem evoluindo na construção de sua individualidade e subjetividade. Os educandos que se encontram nessa situação de internamento não precisam apenas de atividades pedagógicas voltadas somente para o intelectual, precisam de um desenvolvimento completo e satisfatório à individualidade humana.

Fontes (2005) conclui em sua pesquisa que:

A identidade de indivíduos socializados forma-se simultaneamente no meio do entendimento intra-subjetivo-histórico-vital consigo mesmo. A individualidade forma-se, assim, em condições de reconhecimento intersubjetivo, e este só se efetiva pelo afeto (FONTES, 2005, p. 29).

A criança ou o adolescente em processo de internação, além de todas as necessidades pré-existentes, também precisam reconhecer o ambiente do hospital como um lugar de segurança e esperança, para que sua estadia lá se torne mais leve. E é aí onde a pedagogia hospitalar entra como um processo de mudança na vida desses educandos, pois, a partir do momento que os educandos, em situação de internação, são vistos não somente como pacientes e sim como sujeitos completos, eles passam a ter mais confiança e segurança, fazendo com que suas necessidades cognitivas e emocionais sejam alinhadas, melhorando assim suas autoestimas e, conseqüentemente, seus processos de aprendizagens.

Para Matos e Mugiatti (2009) se faz necessário considerar os fatores psicossociais existentes no contexto da doença, ao invés de considerar apenas os fatores físicos dos pacientes; isso diz respeito a atender a pessoa em sua totalidade, considerando-se todas as suas dimensões em detrimento de uma atenção voltada exclusivamente para a doença.

Nesse contexto, o direito de ser atendido é real, de modo que a necessidade de compreender como será tratada a criança de modo contextualizado com suas reais necessidades de aprendizagem não pode ficar defasado, sendo necessárias complementações específicas voltadas a atender as circunstâncias em que a criança e/ou o adolescente se encontram. Cada realidade precisa ser trabalhada de modo individualizado, com planejamento estratégico para que a criança não seja penalizada e sim integrada aos processos educacionais existentes.

Podemos pensar que, quando a criança ou adolescente passa por esse processo de adoecimento e é garantido a eles o direito à educação como previsto em lei, independente da gravidade da doença ou de quanto tempo tenham de vida, eles têm a possibilidade de aprender e contribuir no mundo em algum momento, tem a oportunidade de retornar ao cotidiano escolar, familiar e social, sem atrasos ou retrocessos de seu desenvolvimento e subjetividade humana.

Para Pinel (2004, p.122):

Toda pessoa, mesmo a um milésimo de segundo antes de morrer, tem direito à educação escolar, bem como a (educação) não escolar. Merece cuidado nos seus "modos de ser sendo junto/ com o outro no mundo", afinal, viver é muito difícil, complicado e é verdadeiramente complexo, mas, por outro lado, é algo que tem muito daquilo que é agradável, do que é bom e do que é

alegre. É nesse processo vivido que insistimos tanto em respirar a vida, inventando sentido para ela, como por exemplo, pelas vias dos diversos e multifacetados modos de ensinar e de aprender- com -sentido[...]. (PINEL, 2004, p. 122).

O direito em conhecer algo é real e necessário para todo e qualquer ser humano, neste sentido a abertura da realidade da lei em se tratando do aprendizado formal é um caminho amplo e deve ser respeitado, principalmente, quando a criança aceita aprender, mesmo que seja difícil diante da realidade onde ela esteja inserida, neste sentido o profissional em educação trabalha para dar essa oportunidade em progredir continuamente.

A vida é um dom ativo que necessita de atenção e cuidado para que possa ser prolongada e deve estar alicerçada em mecanismos que propiciem o desenvolvimento cognitivo da criança. O professor passa a ser um mediador ativo destes mecanismos que necessitam, constantemente, de novas atualizações para serem trabalhados junto as crianças promovendo a sua progressão contínua.

3.1 O planejamento estratégico como porta para o aprendizado das crianças

O planejamento é algo que o pedagogo deve dominar para que a cada momento ou realidade possa encontrar caminhos mais significativos para acolher e demonstrar perspectivas claras para o aprendizado das crianças. Em uma instituição hospitalar, a realidade enfrentada pela criança e/ou adolescente requerem do pedagogo uma versatilidade para que as necessidades educacionais destes em um contexto de adoecimento possam ser atendidas.

Segundo Godoy et al. (2011, p.87), trazendo para o contexto da natureza escolar, em meio aos contrastes da unidade hospitalar:

Um dos maiores desafios dos profissionais educacionais, bem como, de suas instituições, é conceber e elaborar um processo contínuo, dinâmico e participativo de planejamento, principalmente adquirir a cultura estratégica, para tratar as possíveis situação-problema e ter uma visão objetiva dos resultados esperados.

As situações-problema é uma realidade que está constantemente ativa nos mecanismos do processo de ensino-aprendizagem, seja em sala de aula, seja em uma unidade hospitalar. Neste sentido, o profissional em pedagogia atuará ativamente para que o paciente possa compreender e aprender o que foi proposto. É um trabalho difícil, mas necessário para que a aprendizagem não pare.

Neste sentido, o planejamento será um instrumento para raciocinar agora sobre os trabalhos e ações que serão necessários para uma ação pedagógica mais centrada na realidade do aluno internado, garantindo um atendimento mais real diante das dificuldades em que ele se encontra. O produto final do planejamento não é a informação: é sempre o trabalho (DRUCKER, 2009).

Trabalhar os problemas do educando de forma pedagógica é o caminho para uma realidade mais centrada no crescimento intelectual dos alunos. O trabalho pedagógico com as brinquedotecas deve ser movido por planejamentos para que os resultados possam surtir efeitos significativos para o educando internado. O planejamento nasce nesta relação de aproximação e melhoria para o desenvolvimento ativo do aluno.

Sobre planejamento e o papel da escola como instituição participativa no desenvolvimento da sociedade, Perfeito (2007) problematiza evidenciando a necessidade de se buscar compreender a relação entre escola e sociedade e entender de que modo decisões internas da instituição escolar podem aprimorar os alunos que irão compor a realidade social; de modo que, nesse contexto, a qualidade do ensino se mostra no mesmo patamar de promoção de oportunidades de acesso à escola a todos, sendo a gestão educacional e o sistema de ensino de qualidade imprescindíveis para que se consiga ultrapassar entraves técnicos e políticos, visando o aprimoramento da educação.

Com isso, o planejamento passa a ser uma tentativa de controlar o futuro da organização. Algumas palavras podem dar significado ao planejamento, sendo essas: “pensar, criar, moldar” (PEREIRA, 2010, p. 44). Dando enfoque mais que real para a avaliação e conotação dos fatos a serem estudados. Cada etapa é para fortalecer os vínculos e desenvolver o pensamento crítico.

Vasconcelos (2000, p.182), classifica esta fase de Marco Referencial. Segundo o autor, o Marco Referencial:

é a tomada de posição da instituição que planeja em relação à sua identidade, visão do mundo, utopia, valores, objetivos, compromissos. Expressa o “rumo”, o horizonte, a direção que a instituição escolheu, fundamentado em elementos teóricos da filosofia, das ciências, da fé. Implica, portanto, opção e fundamentação.

As práticas educativas devem ser direcionadas para a inclusão seja na escola, seja no meio social, mas que possa ser trabalhada como ativas e atuais, que possam promover o desenvolvimento e acolhimento dos alunos digna e humanizada no hospital, assim como para o meio social, para que a educação especial possa constituir momentos de adaptação e planejamento para estas crianças no próprio cotidiano, sempre visualizando com as famílias dos alunos, trabalhando a necessidade de cada criança na realidade da unidade em saúde.

Segundo Oliveira (2009, p. 46);

O planejamento é uma das funções principais do processo administrativo, possui conceitos mais amplos do que simplesmente organizar os números e adequar as informações, passando a ser um instrumento de administração estratégica, incorporando o controle de turbulências ambientais e possibilitando que a empresa conquiste mais competitividade e mais resultados organizacionais, pois é a função que indica a direção a ser consolidada pela empresa.

Neste sentido, a parcela real da sociedade adentra a escola para aprender, aderir a evolução é algo que faz parte da instituição. Contudo, é preciso conhecer e analisar sempre os caminhos que devem ser trilhados. O caminho para o sucesso não depende apenas de uma realidade, mas de um sistema que se mostra atento aos acontecimentos do meio social, de modo que o processo é sempre complexo e necessário para a evolução.

A necessidade de mudança é real, principalmente em se tratando do sistema capitalista, que sempre está à procura dos melhores, de novas maneiras de lucrar sem distinção. Simplesmente, o poder do dinheiro em melhor escolher quem entra ou não na realidade da evolução da sociedade. Com isso a escola está sempre lutando para poder atender as demandas.

3.2 A situação brasileira em relação a modalidade Pedagogia hospitalar

A educação brasileira vem evoluindo, abrindo espaço para diversas ciências, ramificando-se cada vez mais para que o estudo seja mais centrado em sua especialidade. Como é o caso da pedagogia hospitalar, que visa uma melhor interação da educação no leito de um hospital, buscando melhorar a realidade daquelas crianças que estão em um ambiente diferente para o processo de ensino e aprendizagem.

No Brasil, existem leis que garantem o direito aos estudos, de colocar todas as crianças e adolescentes em idade escolar em seu ciclo para que todas possam evoluir em seus conhecimentos. Procurando assim, ser incluído nos sistemas de ensino formal para que a criança não seja excluída, mas possa ter oportunidades de aprender e desenvolver seu conhecimento intelectual.

Trata-se, de um trabalho que ajuda a promover a efetivação de um dos direitos essenciais a todo ser humano, que é o direito ao acesso à educação, previsto na Constituição Federal de 1988, art. 205 que traz a seguinte redação:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.1).

A educação é um dever do Estado, com isso deve ser adaptado todo e qualquer lugar que possa acolher brasileiros. Neste sentido, o interno em um hospital tem o direito de ser atendido por um profissional especializado para dar início aos seus estudos ou continuidade onde ele parou em virtude de sua enfermidade. É um trabalho pedagógico inclusivo que deve ser adaptado a cada realidade em que vai atender uma nova criança.

Nesse caminho, destaca-se também o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei Nº 9.394/1996 que diz:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996, p.1).

A LDB (1996) reafirma o caminho para que o brasileiro possa usufruir dos direitos garantidos na constituição de 1988 no que se refere ao acesso à educação. Diante desta realidade, o ensino abre seus espaços e formulações diante de suas garantias, ampliando assim a criticidade diante dos entraves sociais, para que o profissional da pedagogia possa exercer suas funções com liberdade e determinações perante a necessidade da sociedade.

Tais necessidades se alteram e se modificam conforme as mudanças sociais, neste sentido, a LDB vem sendo constantemente atualizada. Reforçamos que em 2018 a Lei 13.716 atualizou a LDB, incluindo o seguinte artigo:

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 2018).

3.3 A formação de professores para essa modalidade

Aprender é uma necessidade em nosso convívio social e está vinculado ao ensinar, que também faz parte das atividades sociais. Em muitas situações, o ato de ensinar não é caracterizado para quem ou a que. Os estabelecimentos de ensino organizam-se com o objetivo de demonstrar as opções e escolhas realizadas e que estão no currículo como um conjunto de atividades pedagógicas trabalhadas com o objetivo de inserir determinadas aprendizagens para o cidadão, em diversos momentos em sua vida (CARVALHO, 2015).

A classe de professor é sempre alvo de crítica em virtude da sua profissão, assim como nas questões de salário, com isso a categoria fica desprivilegiada em virtude da falta de interesse por parte do Estado. Neste sentido, adentra à educação quem tem a paixão de ensinar ou aqueles que necessitam ensinar. Realidades que são fáceis de encontrar nos contornos das escolas.

A este respeito, Libâneo (2006) tece algumas críticas, com suas palavras destaca:

A pesquisa da formação profissional tem uma ferida aberta que é o descompasso entre a definição de dispositivos legais e a realidade cotidiana das escolas. Todos sabemos que nossa escola padece de muitas carências e de muitos problemas crônicos – a pobreza das famílias, o baixo salário dos professores, a desvalorização social da profissão de professor, as precárias condições físicas e materiais das escolas, a repetência, a defasagem idade-série escolar, as dificuldades de aprendizagem dos alunos, fatores esses que contribuem para o rebaixamento da qualidade de ensino (LIBÂNEO, 2006, p. 56).

Contudo, vem melhorando essa categoria com seus cargos e carreiras, fortalecendo a necessidade de estar sempre estudando e revendo os conceitos para que a cada momento possa evoluir diante dos desafios que são impostos no cotidiano. O trabalho é ativo e necessário para avançar diariamente a frente dos resultados, fortalecendo e conotando sempre mais para a relação social.

A relação entre formação inicial e continuada, significa integrar, no próprio currículo da formação inicial, professores já atuantes, que desde logo se tornam agentes da formação dos futuros docentes. A formação inicial deve fornecer ao futuro professor uma sólida bagagem nos âmbitos científico, cultural, social, pedagógico para o exercício profissional, ao passo que a formação continuada se centra nas necessidades e situações vividas pelos docentes (VEIGA, 2002, p.86).

A formação é contínua e necessita de atenção e dedicação a realidade de seus estudos, como o caso da pedagogia hospitalar. Conhecer para fortalecer as bases, desenvolver um trabalho que possa ser humano, assim como possa desmistificar os problemas existentes no campo de trabalho. Unidades em saúde podem sim desenvolver bons ensinamentos para as crianças, neste viés demonstra a preocupação social com as crianças que estão internadas na instituição.

De acordo com Tacca (2006), na atuação pedagógica, o professor deve relacionar os objetivos de ensino, os conteúdos e as estratégias pedagógicas de forma que essa correlação possibilite aos alunos a aprendizagem dos conteúdos planejados. Entretanto, para a autora, essa correlação não se encerra em si, pois, se os alunos não são devidamente considerados nesse planejamento, mesmo que os objetivos estejam bem explicitados e tecnicamente formulados, a aprendizagem ficará prejudicada.

Segundo Barros (2007), o professor de uma classe hospitalar deve ser capaz de identificar e justificar as variáveis presentes neste contexto, e, a partir daí, apreciar medidas humanizadoras que integrem as atividades escolares com a condição de internação da criança, explorando os espaços e rotinas hospitalares, compondo harmonicamente as tarefas escolares e o tratamento.

Há a necessidade de sempre estar atento, assim como de estudar pontos importantes para que não existam falhas, mas possa fortalecer os pontos fracos. É um trabalho contínuo de pedagogo hospitalar, que deve preservar a pessoa do aluno, assim como o paciente do hospital, neste sentido um cuidado real diante da variação do espaço e realidade ao qual o paciente encontra-se inserido.

O professor de classe hospitalar deve estar atento às necessidades de aprendizado e à motivação de cada aluno diante das atividades propostas. Respeitar o tempo de cada aluno sem deixar de estabelecer o compromisso direcionando estes objetivos de modo que a preposta seja concretizada (BARROS, 2007).

A responsabilidade com os compromissos firmados diante da necessidade em atender as demandas diárias acompanha o compromisso ético em estar sempre motivada em colocar em prática as propostas de uma aula ativa no estabelecimento hospitalar. Deixando o aluno sempre de bem consigo para que esses resultados possam contribuir para a recuperação de sua saúde.

Calegari (2003) aponta a pedagogia hospitalar numa vertente epistemológica que permita vislumbrá-la como uma práxis e não como uma visão puramente assistencialista, porque não pode ser confundida com uma simples transmissão de conteúdos escolares ou um formalismo sistemático, em que a criança deve adaptar-se ao currículo, mas como um fazer pedagógico que mantém a criança integrada em suas atividades escolares, para bem retornar ao seu convívio social. A pedagogia hospitalar ratifica o direito de ser criança, possibilita viver experiências significativas de aprendizagem não interrompendo o desenvolvimento integral.

Sobre a internação hospitalar, Fonseca (2003, p.13) explica que:

[...] a internação hospitalar em nada impede que novos conhecimentos possam ser adquiridos pela criança ou jovem e venham contribuir tanto para o desenvolvimento escolar (não ficando em defasagem nos conteúdos de seu grupo ou turma) quanto para o entendimento de sua doença e a sua recuperação (FONSECA, 2003, p.13).

O conhecimento pode ser adquirido em qualquer lugar, basta dar espaço para que essa nova realidade possa adentrar aos caminhos daquele que o deseja, enquanto seres humanos, estamos aprendendo todos os dias, para que com isso possamos evoluir continuamente para uma realidade mais integrada aos caminhos da felicidade. A criança é um ser em constante observação, com isso aprende mais rapidamente.

A função do professor de uma classe hospitalar não se restringe apenas a “ocupar-se criativamente” o tempo da criança para que ela tenha consciência de sua enfermidade ou criar espaços diferenciados de ludicidade como metodologia para que esta esqueça por alguns momentos que está doente. O professor deve estar no hospital para possibilitar à aprendizagem dos conteúdos escolares por meio dos processos afetivos (CECCIM; CARVALHO, 1999).

3.4 Contribuições que a modalidade Pedagogia Hospitalar traz para os educandos a médio e longo prazo

A educação é uma necessidade de todos, principalmente quando se trata de um país capitalista. Neste viés, é interessante adquirir conhecimento e colocá-lo em prática continuamente, para que não seja deixado para fora da realidade social. Neste sentido, a educação pode realmente libertar como já falou Paulo Freire, rompendo paradigmas que sempre estão impedindo de colocar em prática um olhar mais atento às mudanças sociais.

A educação dentro de uma unidade hospitalar é uma forma de se adaptar as novas realidades que sempre são conotadas pelo sistema capitalista. Aqueles que não se adaptam ficam fora do sistema. Com isso, o aluno que tem a oportunidade de dar continuidade aos seus estudos, em um período de internamento, é extremamente louvável para não atrasar seus estudos. Estudar nunca é demais, mas necessário para acompanhar as novas realidades do mundo globalizado.

O estado emocional é um caminho complexo, contudo, os profissionais em educação sempre estão dispostos a ajudar nesta realidade, visto que o crescimento e fortalecimento das crianças dependem muito destas variações. Neste sentido, o pedagogo hospitalar trabalha continuamente para que os reflexos sejam absorvidos por estas crianças, dando novas expectativas de mudanças para as suas realidades.

Sobre essa realidade abre o direito do desenvolvimento da criança na sua essência criativa, Fonseca (2003, p. 27) diz que:

Deve ser assegurada a toda criança ou jovem todas as chances possíveis para que seus processos de desenvolvimento ou aprendizagem não sejam interrompidos. A internação hospitalar em nada poderá impedir que novos conhecimentos e informações possam ser adquiridos por elas(...). A criança é antes de tudo um cidadão que como qualquer outro tem direito ao atendimento de suas necessidades e interesses mesmo quando está com sua saúde comprometida.

Garantindo a permanência, assim como a qualidade do ensino, demonstrando a realidade de desenvolver para poder prosseguir. O ensino passa por uma etapa significativa para o rompimento da evasão dos alunos da sala, mantendo assim o vínculo educacional na unidade hospitalar, cada processo de construção do conhecimento fortalece a necessidade de evoluir sempre mais.

Segundo as estudiosas Matos e Mugiatti (2012) a pedagogia hospitalar traz novidades para a assistência clínica de crianças e adolescentes, por meio dos diversos procedimentos que beneficiam estes quando estão hospitalizando, tornando a realidade destes mais amena e humanizada ao trabalhar o contexto social em que se encontram inseridos através de um acompanhamento formal.

Sobre isto, Fonseca (2003, p. 9) aponta que:

O acompanhamento na escola hospitalar mesmo que seja por um curto período tem um caráter significativo para a criança hospitalizada dando à esta a oportunidade de atualizar suas necessidades escolares, permitindo a esta desvincular-se de suas restrições momentâneas possibilitando a apropriação de conceitos tanto pessoal quanto escolar.

A educação é um caminho prospero para os alunos, que deve ser alimentada em qualquer lugar em que o educando esteja, sempre com profissionais qualificados que com isso possa fortalecer o processo de construção do saber. O hospital pode fornecer essa realidade quando sua equipe multiprofissional atua em parceria, dando os devidos olhares e possibilidades para que a criança possa aprender dentro da unidade.

A solidariedade da escola pode desenvolver bons mecanismos, contudo o mundo real exclui, com isso o trabalho pedagógico hospitalar deve ser atuante para que o aluno possa ser melhorado sempre com a finalidade de evoluir conforme as suas especialidades, diante do seu próprio ser, neste sentido a participação da família fundamenta melhor o olhar e os caminhos para serem trilhados por seus filhos.

A escola assim como o hospital é uma instituição social que necessita sempre da comunidade. A comunidade deve ser escola para que os seus filhos possam progredir sempre. A aprendizagem deve ser satisfatória para que com isso possa romper com as dificuldades, mesmo que essas dificuldades possam evitar outras complicações do seu próprio engajamento. A necessidade é sempre evitar dificuldades, para que as crianças especiais possam ser livres.

4 ANÁLISE DO ESTUDO

A necessidade da criança em aprender é natural, contudo, necessita de mecanismos que possam ajudar nos direcionamentos, fortalecendo o seu

conhecimento prévio, para que possa se desenvolver criticamente diante da realidade onde esteja inserida para que a construção de sua identidade possa ser fortalecida em meio aos processos sociais. Cada avanço é significativo para a realidade cognitiva da criança.

A criança presta atenção a tudo, com isso a necessidade típica de colocar mecanismos próprios para ajudar na construção de seus caminhos, assim como em sua realidade quando esteja internada em um hospital, cada passo deve ser sempre regado de muita paciência, e atividade criativa para que a criança possa se familiarizar com esse novo. Neste sentido a construção deste saber vai se formulando em prática dos professores pedagogo que esteja na unidade hospitalar.

O aprender das crianças deve ser algo vivo, para que elas possam interagir com as demais, seja em sala, seja em uma unidade hospitalar, contudo que possa construir o seu vínculo para a construção do seu conhecimento, que sempre está se formando para a sua realidade, trabalhando sempre no sentido de um amanhã mais prospero e harmonioso, que possa trazer confiança sempre.

Os mecanismos da educação pedagógica estão sempre em desenvolver atividades em que os educandos possam progredir em seu contexto cognitivo e social, fortalecendo os vínculos educativos. Neste sentido o pedagogo hospitalar procura fortalecer os mecanismos da criança para que ela possa avançar no aprendizado e em sua saúde.

O planejamento estratégico diante de uma unidade hospitalar é amplo e ao mesmo tempo restrito em virtude de cada situação ao qual o aluno esteja inserido, neste sentido o pedagogo hospitalar vai administrando as atividades e brincadeiras com as crianças conforme o medico de plantão possibilita a esta criança emoções e movimentos, com isso a necessidade de um planejamento aberto.

De acordo com Andrade (2012, p. 12), o planejamento é um “processo formal, racional, sistemático e flexível que visa facilitar a tomada de decisões, o alcance de objetivos e o direcionamento da organização a um futuro desejado”. Projetar é sempre necessário para a criação de caminhos. É um processo formal por distribuir as atividades de maneira racional e organizada; racional, por ser constituído em uma sequência lógica.

O pedagogo hospitalar que planeja visa um crescimento e evita romper com as dificuldades de seus educandos, fortalecendo os vínculos para que a necessidade da

família que esteja acompanhando possa ser atendida e confirmada para o processo social. Cada etapa deve ser sempre planejada para o crescimento da realidade local como o acolhimento necessário do educando.

O trabalhar as relações sociais, educacionais dentro da unidade hospitalar é uma forma de gerir com humanidade desenvolvendo a melhoria para o acolhimento que é fundamental para o crescimento sem o interesse das famílias assim como para as crianças que torna o ambiente mais propício para as crianças, que favorecer a realidade lúdica no progresso da saúde do educando.

A educação neste viés do pedagogo hospitalar se enquadra na especial que é uma forma de amor ao próximo, assim como a inclusão social que necessita diariamente em uma unidade hospitalar que é primordial, assim como o respeito pelo o direito de ir e vim que estar constituído na constituição brasileira. É de vital importância para o desenvolvimento social da criança dentro de uma unidade hospitalar, como também para a escola, com preparo do docente para um processo contínuo para que ninguém não fique de fora (RIBEIRO, 2012).

O professor na realidade hospitalar necessita estar apto a novos desafios para colocar em prática metodologias que possam alcançar a realidade em que cada criança adentra ao hospital na ala dos internados, situação que necessita sempre rever conceitos para que a real situação possa acolher e não reprimir os alunos que necessitam evoluir no contexto educacional e emocional. É um trabalho contínuo, que poderá promover momentos ímpares para uma meta mais ampla no aprendizado especial.

Romper com as barreiras do acaso na labuta do hospital, não é tarefa fácil, mas tem que haver um contato contínuo com o novo, projetando como a lei expõe que todos devem receber um ensino de qualidade, contudo meios devem ser aprimorado para garantir esses direitos na unidade hospitalar, não é simplesmente deixa-los em uma cama, mas fazer por onde conseguir acolher eles todos os dias para que não exista evasão.

A capacitação dos profissionais da pedagogia hospitalar deve ser algo constante diante dos entraves do processo de acolhimento e levada a sério por parte dos profissionais na garantia à inclusão social, favorecendo assim o respeito ao profissional, como a melhoria da realidade da instituição hospitalar. Fortalecer os vínculos para que todos possam crescer continuamente, neste sentido a família

procura crescer continuamente diante dos desafios do próprio cotidiano com seus filhos.

Neste sentido a família é o elo essencial para o desenvolvimento na instituição hospitalar assim a sua inclusão na escola para o meio social. O trabalho do pedagogo hospitalar e despertar o conhecimento nos alunos para o meio a sua enfermidade, sendo da sua forma, mas que realmente possa atender o que o meio estar necessitando, cada passo, sempre planejado para por em prática do pedagogo hospitalar em parceria a equipe multiprofissional da instituição.

Ao selecionar o material para fundamentar o presente trabalho ficou claro que a educação é um direito assegurado pela legislação brasileira a toda criança e adolescente, inclusive aos indivíduos nessas faixas etárias que estão hospitalizados. Tendo em vista que em alguns casos, determinados discentes devido a algum processo de doença estão impedidos de freqüentar uma escola, a educação especial deverá ofertar um atendimento educacional especializado podendo ser realizado em classes hospitalares como previsto pelas DNEEB.

No entanto, alguns desafios podem ser observados para que haja de fato a oferta dessa modalidade educacional, entre estes estão: nem todas as instituições de saúde possuem em seu ambiente um espaço voltado para a prática da Pedagogia Hospitalar, essa realidade faz com que o direito educacional às crianças hospitalizadas seja negado. Existe uma escassez de número de classes hospitalares que oferta atendimento pedagógico voltado ao paciente/estudante no país.

Outro desafio é a desvalorização da Pedagogia Hospitalar em consequência da falta de profissionais capacitados para trabalharem neste campo fazendo com que as crianças ou adolescentes em condição de hospitalização fiquem à mercê somente dos cuidados médicos não sendo considerado o seu processo de aprendizagem (MELO; LIMA, 2015).

Lidar com o sofrimento e a morte também é considerado um desafio para a efetivação dessa modalidade de ensino. A esse respeito, Zorzo (2004), sugere que a situação de morte de um paciente, principalmente, por se tratar de uma criança ou adolescente demanda envolvimento, uma atitude de escuta, acolhimento e senso crítico, e na maioria das vezes, o docente não está preparado, e isso representa limitações nas ações de acolhimento e de humanização das práticas em saúde, logo, esse momento torna-se muito difícil para o pedagogo hospitalar.

A relação do pedagogo com a família é vista como desafiadora, pois, coloca o docente e pedagogo como um elo entre os anseios, ansiedades, frustrações e medos do aluno hospitalizado com o mundo externo e com seus familiares. Assim, a relação do pedagogo com a família é de extrema relevância nessa fase da vida do estudante em situação de internamento.

Ausência de estrutura física também é considerada como um desafio, pois, é um elemento essencial no trabalho do docente na classe hospitalar. Haja vista que é imprescindível uma sala de aula adaptada ao espaço do hospital que atenda crianças e adolescentes em internação permanente ou temporária, assegurando seu elo com a escola e auxiliando no seu ingresso e até retorno a sua escola regular (MELO; LIMA, 2015).

A falta de profissionais qualificados se constitui como um desafio também, tendo em vista que para o pedagogo atuar na área da pedagogia hospitalar ele deve ter formação específica com especialização nesse campo, além de se dispor a enfrentar esse desafio com dedicação e criatividade.

É de grande valia salientar que os cursos de Pedagogia ressaltam a formação docente em espaço escolar, não preparando os docentes para atuarem em outros espaços, a exemplo dos hospitais. E a formação dos profissionais da saúde, comumente, não leva em consideração as questões pedagógicas. Deste modo, a formação docente é um dos grandes desafios para a Pedagogia Hospitalar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do pedagogo hospitalar passa a se realizar de forma a garantir o sucesso na aprendizagem assim como oportunizar momentos ímpares de descontração e interação com as demais crianças que estejam no hospital. Isso, leva

as crianças e adolescentes a entenderem a realidade que o hospital não é local ruim, mas local de tratamento de enfermidades.

A Classe Hospitalar é um caminho seguro para a continuidade do acesso à educação formal, promovendo o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de forma agradável e lúdica diante dos desafios da internação e da enfermidade. O pedagogo atua em parceria com a equipe multiprofissional que existe na unidade hospitalar, garantindo de forma clara a necessidade de cada vez mais haver uma interação do professor com o paciente de forma prazerosa com as atividades lúdicas, seja no seu quarto, seja na sala de jogos da brinquedoteca.

O Pedagogo Hospitalar não irá intervir nos procedimentos médicos, mas auxiliará na melhoria da realidade do educando, trabalhando seu emocional de forma a garantir leveza diante dos processos de sua enfermidade. Um local mais agradável é sempre sinal de melhoria para aqueles que estejam inseridos ali. Locais com brincadeiras, músicas e contação de histórias facilitam a recuperação da criança, visto que as crianças gostam de brincar.

Com isso, pode ser percebida a importância da Pedagogia Hospitalar na vida dos educandos, fortalecendo os vínculos e demonstrando outros caminhos para o sucesso em romper com o foco nas enfermidades, assim como garantir uma estadia mais humana possível em uma unidade hospitalar.

O Brasil vem avançando em relação a modalidade Pedagogia hospitalar, mas necessita fortalecer essa realidade em toda as unidades espalhadas pelo território nacional, assim como fortalecer os cursos de formação do pedagogo hospitalar, para que sua realidade seja ainda mais significativa diante do avanço da pedagogia nas unidades em saúde pública do país.

Essa formação de professores para essa modalidade hospitalar é fundamental para que os processos de crescimento e fortalecimento dos vínculos familiares com o hospital possam ser respeitados. Técnicas aprimoradas devem sempre abrir o espaço para que o educando seja fortalecido diante dos mecanismos do seu desenvolvimento cognitivo. Uma realidade que deve ser amadurecida sempre para que o desenvolvimento possa ser sempre positivo.

As contribuições que a modalidade Pedagogia Hospitalar traz para os educandos a médio e longo prazo fortalece a necessidade de sempre haver planejamentos e visão de futuro diante dos processos hospitalares e a pedagogia

enquanto a realidade de melhorias do paciente. O estudo sempre está necessitando de novos olhares para que possa sempre diminuir os impactos negativos do cotidiano hospitalar.

Observou-se que os desafios que a Pedagogia Hospitalar encontra são diversos e entre estes estão escassez desse tipo de modalidade educacional nos hospitais, desvalorização da Pedagogia Hospitalar, a lida com o sofrimento e morte, falta de profissionais capacitados, a relação do pedagogo com a família e a ausência de estrutura física. Assim, concluiu-se que estudar acerca da Pedagogia Hospitalar e sobre a formação docente para atuar nas classes hospitalares é de grande relevância na atualidade, pois, pode reduzir de forma significativa os impactos causados no processo de ensino e aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Arnaldo Rosa de. **Planejamento estratégico**: formulação, implementação e controle. São Paulo: Atlas, 2012.

BARROS, Alessandra Santana Soares e Barros. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 27, n.73, p.257-78, set./dez., 2007.

BRASIL, Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 35p, 2002.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília, DF, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988,** 5 de out. 1988 Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 jun. 2022.

CALEGARI, Aparecida Maria. **As inter-relações entre educação e saúde:** implicações no trabalho pedagógico no contexto hospitalar. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2003.

CARVALHO, Joscilde Benícia dos Santos. **A importância da formação de professores na escola inclusiva:** estudo de caso da escola classe nº 64 de Ceilândia Sul-Brasília/DF. 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15756/1/2015_JoscildeBeniciaDosSantosCarvalho_tcc.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022.

CAVALCANTI, Márcia Rita Coelho Bittencourt. **A ação do pedagogo na brinquedoteca hospitalar.** Monografia [Especialização] Educação Infantil e Desenvolvimento. Universidade Cândido Mendes, Brasília, DF, 38p., 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/42839.pdf. Acesso em: 24 jun. 2022.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (orgs). **Criança Hospitalizada:** atenção integral como escuta à vida, Porto Alegre: UFRGS, 1997.

COSTA, Patrícia da. **Gestão escolar, empreendedorismo e liderança na perspectiva educacional.** 2015. 73 f. Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Lajeado, 03 dez. 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/1038>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

CUNHA, N. H. S. **A brinquedoteca brasileira.** In: Santos, S.M.P. dos (org). Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis: Vozes, 1997, p.13-22.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Introdução à administração.** São Paulo: Thomas Learning, 2006.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista.** São Paulo: Pioneira, 2009.

ESTEVEES, Claudia. **Pedagogia Hospitalar uma modalidade de ensino em diferentes olhares**. Disponível em: < http://serra.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/04/pedagogia_hospitalar_uma_modalidade_de_ensino_em_diferentes_olhares.pdf>. Acesso em 21 mai. 2022.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento Escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

FONSECA, E.S.; CECCIM, R.B. **Atendimento pedagógico educacional hospitalar**: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. *Temas sobre Desenvolvimento*, v.7, n.42, p24-36, 1999.

FONTES, Rejane de S. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada**: discutindo o papel da educação no hospital. *Revista Brasileira de Educação*. Maio /Jun /Jul /Ago 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gJN94n3wRvTyCZnPnnJzQzv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999, 206 p.

GODOY, Valdir A.; ROSA, Marcelo R. BARBOSA, Flávio L. **O planejamento estratégico como ferramenta para a gestão educacional no processo decisório dentro das IES**. *Revista Científica*, Vol. 3, nº 3, p. 77-89, 2011.

JUNQUEIRA, M.F.P.S. **A Mãe, Seu Filho hospitalizado e o Brincar**: um relato de Experiência. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v 8, n. 1, abril de 2003.

KASTELIJNS Fabiana Andrea Barbosa; PAULA, Lucimara Cristina De. **A prática de pesquisa no estágio curricular supervisionado do curso de pedagogia**. 2016. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6_FABIANA-ANDREA-BARBOSA-KASTELIJNS-LUCIMARA-CRISTINA-DE-PAULA.pdf. Acesso em: 25 jun. 2022.

LIBÂNIO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção questões da nossa época; v.67).

LIMA, C. C. F.; PALEOLOGO, S. de O. A. **Pedagogia Hospitalar: A importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças**. **e-Faceq: revista eletrônica dos discentes da Faculdade Eça de Queiros**, v.1, n.1, p.1-27, jun. 2012.

LIMA, F. T. **Classe Hospitalar no Hospital das Clínicas**. 2003. Disponível em <http://www.innovacionlocal.org/files/SAOPAULO-UniversidadeSaoPaulo.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2022.

MACEDO, J.J.M. **A Criação de Uma Brinquedoteca Hospitalar Com Enfoque Psicodramático**. In: VIEGAS, D. (Org.). *Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, p.63-70, 2008.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: A humanização integrando educação e saúde.** 6 ed . Petrópolis: Vozes, 2012.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org) **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar.** Petrópolis (RJ): Vozes. 2009

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde.** 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MEDEIROS, Milena Moura. **O direito à educação e as classes hospitalares: discurso de gestores de um hospital- escola.** Dissertação [Mestrado] Profissional do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas - João Pessoa, PB, 131 f., 2018.

MELO, Damaris Caroline Quevedo, LIMA, Vanda Moreira Machado. Professor na pedagogia hospitalar: atuação e desafios. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 2, p.144-152, 2015.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Administração estratégica na prática: a competitividade para administrar o futuro das empresas.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 281p. ISBN 9788522453214.

OLIVEIRA, Djalma P. R. **Planejamento estratégico: conceito, metodologia, pratica.** 24. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PEREIRA, Mauricio Fernandes. **Planejamento estratégico: teorias, modelos e processos.** São Paulo, Atlas, 2010.

PERFEITO, Cátia D. F. **Planejamento Estratégico como Instrumento de Gestão Escolar.** Revista Educação Brasileira. Brasília, v. 29, n. 58 e 59, p. 49-61, jan./dez. 2007.

PINEL, Hiran. **Apenas dois rapazes e uma Educação Social; Existencialismo, Educação e Inclusão.** Vitória: Do Autor, 2004.

RIBEIRO, K. R. **Pedagogia hospitalar: a escolarização do aluno no atendimento pedagógico domiciliar.** Trabalho (Conclusão de Curso) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.2012.

SANTA ROZA, E. **Um desafio às regras do jogo: brincar como proposta de redefinição do tratamento da criança hospitalizada.** In: SANTA ROZA, E.;SCHUELER, Reis E. Da análise da infância na análise do infantil. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997. P 161-188.

SANTOS, C. B.; SOUZA, M. R. **Ambiente hospitalar e escolar.** In: MATOS, E. L. M. (Org.) **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SENA, Crystiane Meneses de. O Gestor Escolar como Articulador dos Processos de Ensino e de Aprendizagem. 2014. Disponível em: 28 jun. 2022.

SOUSA, Polyana Gonçalves de. **A brinquedoteca como direito da criança hospitalizada**. 2013. Disponível em:
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8102/1/2013_PolyanaGoncalvesdeSousa.pdf.
Acesso em: 24 jun. 2022.

TACCA, M. C. V. R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. (Org.). Campinas, SP: Linhas Críticas, Brasília, v. 12, n. 22, p. 147-150, jan./jun. 2006

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Marco referencial**. In: Planejamento. 9.ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. **A Psicopedagogia hospitalar para crianças e adolescentes**. São Paulo, 2001.

VEIGA, Ilma Passos A. **Professor: tecnólogo de ensino ou agente social**. In: AMARAL & VEIGA (Coord.). Formação de professores: políticas e debates. Campinas, SP: Vozes, 2002.

ZORZO, J.C.C. **O processo de morte e morrer da criança/adolescente: vivências dos profissionais de enfermagem**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP.